

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES**

DESTAQUES IPADES

JULHO 2015

PLANEJAR E EXECUTAR O USO SUSTENTÁVEL DA ÁGUA

Estima-se que cerca de 70% da superfície terrestre sejam cobertos com água e que o volume de água existente seja em torno de 1.386.000.000 km³. Essa quantidade de água é praticamente constante. Ou seja, em escala global, esta quantidade de água não varia com o tempo. Infelizmente, nem toda esta água está prontamente disponível para uso.

Os oceanos concentram 97,5% da água existente no Planeta. Da proporção referente à água doce – os 2,5% restantes – 76,8% estão nas calotas polares e geleiras, 22,7% são águas subterrâneas e o 0,5% restante vem de outras fontes, incluindo 3,5% dos rios. Essa quantidade, entretanto, é suficiente para atender as múltiplas demandas hídricas da sociedade.

Observe-se que a quantidade de água é constante em escala global, mas localmente é muito variável, e mais, na maior parte das regiões, as demandas são crescentes, e nessas condições surgem os conflitos, pois a demanda pode ultrapassar a oferta, a gestão não é adequada e os usos prioritários não estão bem definidos na bacia hidrográfica.

Para compreender a dinâmica da água, é muito mais interessante analisar o seu comportamento nos seus diferentes compartimentos (solo, atmosfera, etc), pois dessa forma é possível incluir o ciclo hidrológico na análise, trazendo uma visão de renovação da água, e não de aumento da sua quantidade.

A água é de grande importância para todos os setores da sociedade, e atender todos os usos e usuários requer um intenso trabalho de planejamento e gestão dos recursos hídricos.

Não deveria haver crise hídrica em um país como o Brasil onde as precipitações variam de 300 mm a 3.400 mm por ano e os recursos hídricos ainda são muito pouco utilizados. Desse modo, a crise hídrica não é consequência apenas de fatores climáticos; é também um problema de gestão e planejamento.

Deve-se tratar a água como um bem estratégico para o país, definindo prioridades de uso, levando em consideração as necessidades básicas e as especificidades de cada região. A gestão dos recursos hídricos é fundamental para que os demais setores tenham segurança hídrica.

Não se deve perder de vista a eficiência de uso da água nas diversas atividades. Para que a gestão da água não se torne gestão de conflitos é importante utilizar os conhecimentos técnicos e científicos para subsidiar os tomadores de decisão, e mais, dar autonomia financeira aos comitês de bacias para atuarem na proteção e na solução dos problemas de suas respectivas bacias hidrográficas.

OUTRA FONTE DE OBESIDADE

O óleo de soja já não era muito bem visto por médicos e nutricionista, após estudo realizado na Universidade da Califórnia, em Riverside, Estados Unidos, talvez seja muito menos. Uma dieta rica em óleo de soja poderia causar mais obesidade e diabetes que uma rica em frutose, um tipo de açúcar comum em refrigerantes e alimentos processados.

Os pesquisadores chegaram a essa conclusão alimentando quatro grupos de camundongos com diferentes tipos de dietas, cada uma delas contendo 40% de gordura, similar à que os norte-americanos consomem.

O primeiro grupo de animais consumiu apenas óleo de coco, que consiste essencialmente de gorduras saturadas. O segundo foi alimentado com óleo de soja, que contém principalmente óleos poli-insaturados, bastante consumido no Brasil. As outras duas dietas, cada uma com um tipo de óleo, acrescentaram frutose, na

proporção consumida pelos americanos. As quatro dietas continham o mesmo total de calorias.

Os animais que consumiram óleo de soja apresentaram aumento de peso de 25%, enquanto aqueles que se alimentaram de óleo de coco e os submetidos a dieta enriquecida com frutose tiveram aumento de peso de 9%. Além disso, o grupo que consumiu óleo de soja apresentou gordura localizada e sinais de danos no fígado, diabetes e resistência à insulina.

Os pesquisadores também constataram que a dieta com frutose resultou em danos metabólicos menos severos que os observados nos outros grupos. Em teste complementar, uma dieta rica em óleo de milho resultou em um ganho de peso maior que o da dieta à base de óleo de coco, mas não tão alto quanto o proporcionado pelo óleo de soja.

A sabedoria popular já indicava que uma dieta saudável tem que ter um mínimo de gordura.

LIMITE DO CRESCIMENTO PAUTADO NO MERCADO INTERNO

O Brasil recessivo de 2015 não responde mais aos estímulos do mercado interno para o crescimento da economia, como recomendava a política econômica da “Nova Matriz Econômica”.

O setor de serviços, que responde por quase 70% do PIB, já está sentindo fortemente os efeitos do aperto no orçamento das famílias, levado pela inflação e o desemprego, ambos em crescimento, e pelos cortes de gastos do governo.

Nos últimos anos, como baixo desempenho da indústria, o setor de serviços vinha contribuindo para sustentar o crescimento da economia brasileira, mas agora o quadro é de desaceleração. O pior é que o setor, tradicionalmente grande empregador, começou a demitir, um sinal perverso, visto que normalmente, os serviços absorvem a mão-de-obra despedida da indústria.

Mais ainda, porque o setor serviços é mais estável e, portanto, menos sujeito a flutuações no seu desempenho, diferente do que acontece na indústria. Até porque,

muitos serviços, como saúde e educação, são ofertados continuamente e não sofrem tanto os efeitos dos cortes de gastos. São essenciais, é mais difícil de cortar.

Além disso, a grande maioria dos serviços não tem concorrência externa, - me ou seja, não pode ser substituída por contratação no exterior – e isso garante certo nível de atividade, mais previsível.

Como as primeiras previsões para 2016 já começam a apontar a continuidade da recessão, a recuperação deste importante segmento da economia só deverá começar a apresentar sinais de mudança positiva em 2017, mas até lá, o setor de serviços deverá desempregar ainda mais, num processo de retroalimentação da crise.

Por ser um segmento muito sensível ao emprego e a renda passa a sofrer as conseqüências da massa salarial e da renda em queda e o desemprego em alta.

Desse modo, só quando o ajuste fiscal do governo apresentar resultados positivos e a inflação indicar que irá recuar é que o setor de serviços pode ser beneficiado.

A sociedade brasileira tem que aprender que na economia não há mágica. Foi o que o governo tentou fazer com sua “Nova Matriz Econômica”, ilusão de que poderia se manter no poder *ad infinitum*, visto que a sociedade a ampliar seu acesso ao consumo estava no país das maravilhas. Crescimento sustentável só ocorre com aumento da produtividade e isto não é política de resultado imediato.

O BRASIL COMO FORNECEDOR DE ALIMENTOS PARA O MUNDO

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) lançaram o relatório “Perspectivas Agrícolas 2015-2024” posicionando entre as dez maiores economias do mundo e segundo maior fornecedor mundial de alimentos e produtos agrícolas, o Brasil.

A apresentação oficial do relatório ocorreu na sede da Fundação Getúlio Vargas (FGV) projetos, em São Paulo, que contou com a presença de representantes da OCDE e da FAO, além da participação brasileira.

Para o cenário de dez anos, as perspectivas da agricultura brasileira são positivas: o País pode se tornar o maior exportador mundial de alimentos até 2024. O crescimento

da oferta ocorrerá via aumento da produtividade, proporcionado pelo crescimento contínuo do uso da tecnologia na produção e pelo aumento da área agrícola, principalmente sobre áreas de pastagens degradadas.

Conclusões preliminares de estudo conduzidas pela FGV indicam que o Brasil teria condições de elevar sua produção para 750 milhões de toneladas de grãos em 30 anos apenas recuperando áreas antes degradadas, principalmente, através das tecnologias preconizadas no Programa Agricultura de baixo Carbono (ABC). Essa realidade não se aplica a nenhum outro país do mundo.

Outros dois fatores favoráveis são: a taxa de câmbio que deverá continuar elevada, tornando as exportações do Brasil mais competitivas nos mercados mundiais; a tendência para 2024 é de que a exportação de produtos agrícolas concentre-se em poucos países, enquanto a importação estará mais pulverizada. Haverá menos países fornecendo produtos para mais mercados.